

EM BUSCA DE UMA ANTROPOLOGIA HISTÓRICA DA VOZ

Daiane Neumann¹

Le langage n'est pas seulement le lieu et la matière de la communication, il est avant cela même, et pour être cela, le lieu et la matière de la constitution de chaque être humain dans son histoire. Le langage est donc indissociablement matière éthique et matière politique. Et matière épique au sens où s'y constituent les aventures de la voix humaine.²

RESUMO

Este artigo busca apresentar, de forma sumária, reflexões que perpassam um projeto maior intitulado “Por uma antropologia histórica da voz”. Tal pesquisa busca desenvolver uma discussão em torno de uma proposta, de Henri Meschonnic, de uma antropologia histórica da linguagem, a partir de sua historicidade, de seu diálogo com o pensamento de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Wilhelm von Humboldt. Tal reflexão tem o intuito de servir de base para o desenvolvimento de uma antropologia histórica da voz. Após a construção desse objeto, será proposta uma análise do elemento voz em textos literários. Discutir sobre o projeto de uma antropologia histórica da linguagem e apresentar algumas reflexões em torno de uma antropologia histórica da voz são, especificamente, os objetivos deste texto.

Palavras-chave: Antropologia histórica da linguagem, antropologia histórica da voz, poética.

ABSTRACT

This article presents briefly some considerations from a broader project entitled “For a historical anthropology of voice”. The research intends to start some debate about Henri Meschonnic’s proposal of a historical anthropology of language, considering its historicity, and the correlation with the works of Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste and Wilhelm von Humboldt. The study provides the basis for the development of a historical anthropology of voice. After the creation of this object, an analysis of the voice in literary texts will be presented. The purpose of the paper is to question the project of a historical anthropology of language and to present some reflections on a historical anthropology of voice.

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES/REUNI. E-mail: daiane_neumann@hotmail.com

²A linguagem não é somente o lugar e a matéria da comunicação, é antes disso e justamente por isso, o lugar e a matéria da constituição de cada ser humano em sua história. A linguagem é, portanto, indissociavelmente matéria ética e matéria política. E matéria épica no sentido em que aí se constituem as aventuras da voz humana. MESCHONNIC, Henri. Une Déclaration universelle des droits des langues et des cultures. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008. Todas as traduções apresentadas no texto foram elaboradas por mim.

Keywords: historical anthropology of language, historical anthropology of voice, poetics.
Considerações iniciais

O presente artigo situa-se no âmbito de uma reflexão que perpassa o projeto de doutorado em andamento, denominado “Por uma antropologia histórica da voz”. Tal projeto nasceu da leitura da obra *Critique durythme: anthropologiehistoriquedulangage*³, de Henri Meschonnic.

Nessa obra, o teórico da linguagem discute sobre o que designou como *Crítica do ritmo*. Em um primeiro momento, procura elaborar uma discussão entre o que denominou *decência* e *teoria*. A ciência estaria ligada a um paradigma que busca regularidades, classificações. Nos estudos da linguagem, no entanto, o que há são teorias, historicidades de discursos, em que as propostas sobre o que seja a linguagem são sempre tomadas como estratégias em um combate. Ao assumir que os estudos da linguagem são sempre construções teóricas, propõe o autor que se estude a linguagem sob uma perspectiva de abertura, do singular, do inacabado, *entraîn de se faire*.

Em seguida, Meschonnic desenvolve um verdadeiro tratado, tanto pela sua extensão quanto pela qualidade das reflexões, sobre a teoria do ritmo. Traça um histórico dos estudos do ritmo, apresenta a concepção que este elemento adquiriu nas diferentes épocas da história, bem como busca definições que foram apresentadas em diferentes dicionários e enciclopédias que, em geral, são referências nos estudos literários e da linguagem.

Verifica, dessa forma, que, em geral, o ritmo esteve sempre ligado à metrficação. Não raro, as palavras *ritmo* e *metro* foram tomadas uma pela outra. O autor contesta essa “confusão” entre as duas concepções e busca apresentar o ritmo imbricado em uma proposta de uma teoria da linguagem, por ele denominada *antropologia histórica da linguagem*.

A problemática que me move para o desenvolvimento da tese surgiu de uma passagem da obra aqui problematizada, em que o teórico da linguagem afirma que “l’anthropologiedurythme, dulangage, demande une anthropologiehistorique de lavoix”⁴ (p. 288). Pensar sobre o que seria essa *antropologia histórica da voz* é o grande objetivo da pesquisa.

³Para maiores informações sobre a obra, ver as referências bibliográficas.

⁴A antropologia do ritmo, da linguagem, requer uma antropologia histórica da voz.

No entanto, para fazê-lo, é necessário antes refletir sobre essa proposta de teoria da linguagem denominada por Henri Meschonnic de *antropologia histórica da linguagem*, que está ancorada, segundo Trabant (2005), em três grandes referências: Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Wilhelm von Humboldt. Somente após refletir sobre essa proposta é que se pode começar a problematizar e construir o objeto voz, a partir de um ponto de vista de uma antropologia histórica, e pensar como o elemento da voz poderia ser observado nos textos e nas obras, objetivo que também pretendo alcançar com o desenvolvimento da tese, através da análise de textos literários.

A problemática de uma antropologia histórica da linguagem

Em *Critique du rythme* (2009, p. 47), Henri Meschonnic afirma que “Humboldt est sans doute le premier et peut-être encore le seul à avoir fait une théorie du langage qui soit une anthropologie”⁵. Diz ainda o autor que “De Saussure et de Benveniste, part une anthropologie historique du langage”⁶ (*ibid.*, p. 45).

Em Dessons (2006), o autor apresenta uma leitura muito interessante da obra de Émile Benveniste. Nesta leitura, há um capítulo denominado *Une anthropologie du langage*, em que são elucidados vários conceitos que permeiam a obra de Benveniste, *La communication, Le discours, La langue et le langage, La signification, La subjectivité, Le temps*. Em Trabant (2005), o linguista apresenta Humboldt como herdeiro de um pensamento antropológico da linguagem.

Para problematizar tal projeto de teoria da linguagem, é, pois, necessário que a discussão da proposta de uma crítica do ritmo seja apresentada a partir de suas relações de historicidade, a partir de suas relações de diálogo com as obras de Saussure, Benveniste e Humboldt.

Henri Meschonnic, em *Critique du rythme*, busca repensar a noção de ritmo, a fim de tirá-la do domínio da língua e relegá-la ao discurso. Para isso, encontra amparo no texto “O ‘ritmo’ em sua expressão linguística”⁷ de Benveniste, em que o linguista, através de uma reconstrução semântica da palavra *ritmo*, apresenta um sentido adormecido desta, que é anterior à filosofia de Platão. O linguista sírio mostra em sua pesquisa que ritmo

⁵ Humboldt é sem dúvida o primeiro e talvez ainda o único a ter feito uma teoria da linguagem que seja uma antropologia.

⁶ De Saussure e Benveniste parte uma antropologia histórica da linguagem.

⁷ Para maiores informações sobre o texto, ver referências bibliográficas.

significava organização do movimento e que Platão, ao pensar a música e a dança, acrescentou as noções de proporção matemática (*harmonia*), de ordem (*taxis*) e de medida (*metron*). O filósofo teria transformado, assim, uma noção do contínuo em uma noção do descontínuo. Trata-se, dessa forma, para Meschonnic, de fazer aquilo que Benveniste não faz, *déplatoniser* a noção de ritmo, pois somente assim se pode pensar o ritmo no discurso e a linguagem como um todo.

Para o teórico da linguagem, se o sentido é uma atividade do sujeito, se o ritmo é uma organização do sentido no discurso, o ritmo seria necessariamente uma organização ou configuração do sujeito no seu discurso. Uma teoria do ritmo seria, pois, uma teoria do sujeito na linguagem, a que, acredito, Meschonnic denomina uma antropologia. O sujeito seria, para o autor (*ibid.* p. 71), “comparable à l’originedulangage”⁸.

Dessa forma, o ritmo no sentido, no sujeito, e o sujeito, o sentido no ritmo fariam do ritmo uma configuração da enunciação tanto quanto do enunciado. O ritmo faria uma antissemiótica, na medida em que ele mostra que o poema não é feito de signos, embora seja linguisticamente composto de signos. O ritmo seria o elemento antropológico capital na linguagem, pois ele força a teoria do signo e a conduz a uma teoria do discurso. Não haveria, assim, unidade no ritmo, sua única unidade seria um discurso como inscrição de um sujeito.

A subjetividade de um texto resultaria da transformação do que é sentido ou valor na língua em valores no discurso e somente no discurso, em quaisquer níveis linguísticos. A subjetividade seria, pois, toda diferencial, toda sistemática. O ritmo é sistema e somente uma história, de acordo com Meschonnic (*ibid.*), pode fazer com que o discurso seja um sistema.

O ritmo, figurando como representante do incompreensível, seria a matéria privilegiada da aventura antropológica. As visões, as metáforas, se fazem nele, na medida em que ele é o laboratório dos sentidos novos. Dessa forma, o ritmo seria uma forma interior do sentido, como a gramática, que figura como forma interior das línguas. Contudo, é somente em um discurso-sistema que o ritmo pode figurar como esse sistema.

O ritmo, enquanto dizer, não é conhecido do sujeito da escritura, ou seja, do sujeito da enunciação. Este não é o mestre do seu dizer, pois a construção do ritmo é concomitante à construção do sujeito da escritura, do sujeito da enunciação. Nessa perspectiva, o que

⁸ Comparável à origem da linguagem.

está em questão na poesia não é mais a eufonia, a beleza, o ornamento, a expressividade, mas sim um modo de viver-escrever, um modo de significar.

A crítica do ritmo trabalha por uma antropologia histórica da linguagem, “lerythme est plus que lesens, il est système de sens, système de subjectivité d’undiscours”⁹ (Meschonnic 2009, p. 602). Essa antropologia da linguagem compreende tudo o que a Linguística deixa para a situação, ou seja, a unidade oral do sentido é composta pelo extralinguístico tanto quanto pelo linguístico juntos. Nesse sentido, falar com as mãos faz parte da linguagem, como todo o corpo, mover-se, tocar-se, segundo as culturas, segundo os modos de relação. A antropologia da linguagem é dupla; segundo o falado, segundo o escrito, a oralidade¹⁰ não é a mesma. Aquilo que é necessariamente acessível à antropologia do falado, passa necessariamente pelo escrito por uma poética, que só pode ser uma poética histórica, não formal que situe os modos de significância.

No texto “Oui, qu’appelle-t-on penser?”, em *Dans le bois de la langue*, Meschonnic postula que é o poema que faz o poeta, e não o poeta que faz o poema, que um poema nos inventa, ele inventa quem o escreve e inventa quem o lê. Este seria, portanto, um ato ético, não um ato estético, uma ética em ato, um ato de linguagem, que transforma a ética. O poema é definido como uma invenção de uma forma de vida por uma forma de linguagem, e a invenção de uma forma de linguagem por uma forma de vida. Há assim, em Meschonnic, a busca pelo desenvolvimento de uma reflexão sobre a subjetividade na linguagem, que perpassa a obra de Émile Benveniste.

Em “Da subjetividade da linguagem”, publicado em *Problemas de lingüística geral I*, o linguista postula que a comparação da linguagem com um instrumento deve nos encher de desconfiança, bem como toda a noção simplista da linguagem, pois falar em instrumento seria por em oposição o homem e a natureza. A linguagem não seria fabricada, então, pelo homem, mas estaria na natureza do homem, que não pode ser atingido separado da linguagem, pois nunca o vemos inventando-a, pelo contrário, encontramos o homem no mundo, falando com outro homem.

É então na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. Essa subjetividade tratada por Benveniste está ligada à capacidade do locutor se propor

⁹ O ritmo é mais que o sentido, ele é sistema de sentido, sistema de subjetividade de um discurso.

¹⁰ Segundo Meschonnic (1982), a oralidade não opõe subjetividade e coletividade, o falado e o escrito. Ela é um aspecto da historicidade de um discurso, como sua situação na individuação é um outro aspecto do mesmo ato de linguagem.

como sujeito. É a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. “É ‘ego’ quem¹¹ diz ego” (Benveniste, 2005, p. 286).

A problemática do ritmo pensada a partir da perspectiva de uma antropologia histórica da linguagem, não apenas mobiliza uma discussão já apresentada por Benveniste sobre a subjetividade na linguagem, mas também sobre a noção de discurso, “inventada” pelo mesmo linguista, cujas bases se encontram, segundo Meschonnic, ancoradas na linguística da Ferdinand de Saussure. Dessa forma, a noção de ritmo também retoma algumas discussões que perpassam as reflexões do *Curso de linguística geral*.

De acordo com Meschonnic (2008b), a língua e a fala, assim como a diacronia e a sincronia, e paradigma e sintagma foram transformados em pares de exclusão pelos estruturalistas. No entanto, *Saussure não é estruturalista*. Para o mestre genebrino, a fala não é excluída do sistema de signos que é a língua, ela é somente distinta como objeto de estudo, mas não no seu funcionamento “l’exécution [...] est toujours individuelle”, “C’est un trésor déposé par la pratique de la parole”¹². (*Cours de linguistique générale*, p. 30 *apud* Meschonnic, 2008b, p. 364)

Nesse sentido, Meschonnic diz que Benveniste não teria feito uma ultrapassagem em relação a Saussure, mas um *deslocamento nocional*, pela relação com conceitos novos. Dessa forma, o conjunto de sua obra estaria ao lado de Saussure, mas se oporia certamente ao estruturalismo. A relação de interação, que é transformada em pares de exclusão mútua pelos estruturalistas, não somente não é *ultrapassada*, mas revezada, reposta, pelo conceito de discurso.

Meschonnic admite que se a teoria do ritmo muda, ou seja, se pensarmos o ritmo sob a perspectiva proposta por ele, toda a teoria da linguagem muda e mesmo a noção inicialmente apresentada por Saussure. Há um distanciamento aqui de Saussure. No entanto, o que Meschonnic afirma da relação entre Saussure e Benveniste serve também para a sua relação com o grande mestre. Embora mude o modo de conceber a teoria da linguagem, o conjunto de sua obra está consoante com o pensamento de Saussure, na medida em que este, através da definição de alguns conceitos, situa as bases para a discussão mais tarde proposta por Émile Benveniste e Henri Meschonnic. “C’est Benveniste qui invente un nouveau concept, celui de discours, dans un vieux mot. Et c’est

¹¹ Na tradução de tal obra, encontra-se *que*, no entanto optei pelo uso de *quem*, já que é mais condizente com o original em que consta o pronome francês *qui* e não *que*.

¹² A execução é sempre individual. É um tesouro depositado pela prática da fala.

la seule invention majeure dans la pensée du langage, au XX^e siècle, après celle de système de Saussure.”¹³(Meschonnic, 2008c, p. 189)

Para Dessons (2006), pensar o ritmo é indissociável de um pensamento da linguagem como radicalmente histórica, então o ritmo constitui a linguagem não como língua, mas como discurso, não como signo, mas como significância, não nas subdivisões tradicionais criticadas por Saussure (léxico, morfologia, sintaxe), mas como sistema; não como sentido, mas como valor, não como origem, mas como funcionamento, não na polaridade entre convenção e natureza, mas no radicalmente arbitrário concebido como histórico.

La recherche du discours fait nécessairement de Saussure une lecture autre que celle du structuralisme, qui le didactise et le scolarise en langue/parole, synchronie/diachronie, avec le présumé de rigueur de la continuité entre Saussure et le structuralisme. Pour le discours, c'est la stratégie de l'historicité qui est fondatrice, chez Saussure, avec et malgré son inachèvement.¹⁴ (MESCHONNIC *apud* DESSONS, 2006, p. 183-184)

A discussão que perpassa o texto “Semiologia da língua” de Benveniste sobre o semântico sem semiótico também tem um papel importante para o desenvolvimento da reflexão de Henri Meschonnic. Para o teórico da linguagem, o esboço feito por Benveniste em tal texto, ao afirmar que as obras de arte particulares possuem o semântico sem semiótico, enquanto a língua configura-se como o único sistema que possui o semântico e o semiótico¹⁵, coloca a teoria da linguagem em crise. Teríamos um conflito gerado pelo fato de que um sistema que possui ao mesmo tempo o semiótico e o semântico, no caso a língua, seria o interpretante de sistemas que possuem apenas o semântico. Ou seja, essa

¹³ E Benveniste quem inventa um novo conceito, o de discurso, para uma palavra antiga. E esta é a maior invenção no pensamento da linguagem do século XX, depois daquela de sistema de Saussure.

¹⁴ A pesquisa do discurso faz necessariamente de Saussure uma leitura diferente daquela dos estruturalistas, que a didatiza e a escolariza em língua/fala, sincronia/diacronia, com o pressuposto do rigor da continuidade entre Saussure e o estruturalismo. Para o discurso, é a estratégia da historicidade que é fundadora, em Saussure, com e apesar de sua incompletude.

¹⁵ No texto *Semiologia da língua*, Benveniste define o domínio semiótico como “aquele que designa o modo de significação que é próprio do SIGNO lingüístico e que o constitui como unidade. Pode-se, para efeito de análise, considerar separadamente as duas faces do signo, mas sob a relação de significância, ele é uma unidade, e se conserva como unidade”. Já com o domínio semântico “entramos no modo específico da significância que é engendrado pelo DISCURSO.[...]Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS”.(p. 64-65)

relação de interpretância se daria por relações semióticas. Nelas, haveria sempre um resto, indefinido e infinito, que escaparia à interpretação e que define um vir a ser irredutível do valor e do sentido.

Estabelece-se, assim, um conflito entre o *falar-de*, que é uma função do signo, que supõe um primado da identidade, os mesmos valores de referência, e o *dizer*, que é o infinito do sentido e o valor próprio da obra, sempre susceptível de uma leitura nova. Deste conflito, nasce o questionamento do autor: “Comment la relation entre une sémantique sans sémiotique et la langue comme système sémiotique-sémantique peut-elle être elle même sémiotique?”¹⁶ (Meschonnic, 2008 d, p. 410)

Nesse sentido, o autor propõe que desde que a língua seja vista na ordem do discurso, considerada na *física do discurso*, e especialmente nos sistemas de discurso que são a realização máxima do semântico sem semiótico, o que se observa é o funcionamento do contínuo, o que mascara o signo. O contínuo é então “le rythme comme organisation du mouvement de la parole dans l’écriture, et oralité non plus comme l’opposition duelle de l’oral à l’écrit dans le signe, mais comme le primat du rythme et de la prosodie dans le mode de signifier”¹⁷ (Meschonnic, 2008 d, p. 411).

O semântico sem semiótico só pode, então, ter lugar no discurso, não na língua. Para o autor, essa ideia está proposta em Benveniste para a análise do discurso quando este afirma que “Ce n’est pas une addition des signes qui produit le sens, c’est au contraire le sens (l’« intenté »), conçu globalement, qui se réalise et se divise en « signes » particuliers, qui sont les MOTS”¹⁸ (BENVENISTE *apud* MESCHONNIC, 2008b, p. 412). Essa elaboração do discurso por Benveniste faz dele um caminho inevitável para Meschonnic pensar o contínuo na linguagem.

Trabant (2005) afirma que o Humboldt de Meschonnic não é um Humboldt completo, mas um teórico do discurso, do assemiótico, do contínuo, de uma linguística poética. É, no entanto, um Humboldt verdadeiro, na medida em que Meschonnic não faz uma redução interpretativa desse grande estudioso, desviando a atenção para elementos marginais de sua obra, como o teriam feito Habermas ou Chomsky. “Le Humboldt de

¹⁶ Como a relação entre um semântico sem semiótico e a língua como sistema semiótico-semântico pode ser semiótica?

¹⁷ O ritmo como organização do movimento da fala na escritura e na oralidade não mais como oposição dual do oral e do escrito no signo, mas como o primado do ritmo e da prosódia como modo de significar.

¹⁸ Não é uma adição de signos que produz o sentido, é ao contrário o sentido (o “intenté”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são as PALAVRAS.

Meschonnic saisit le cœur de Humboldt: le langage comme discours, comme activité poétique qui n'est pas un signe et qui se trouve intégré dans un contexte historique concret"¹⁹. (Trabant, *ibid.*, p. 182)

Segundo o autor (*ibid.*), Humboldt é herdeiro de um pensamento antropológico da linguagem. Por “antropológico”, entende Trabant (*ibid.*) um pensamento linguístico caracterizado pelo pensamento das línguas no espaço, em sua diversidade e em sua diversidade cognitiva. Esse pensamento antropológico em Humboldt estaria ligado à variedade de operações de nosso espírito. Meschonnic levantaria esse fato por várias vezes.

Meschonnic invoca Humboldt como o estudioso que concebe a linguagem como atividade concreta dos seres humanos reais. O discurso seria o ponto de partida, o ponto de referência de todo pensamento da linguagem e de toda atividade científica sobre a linguagem. A linguagem é *energeia*, atividade genética, produtora, criadora, poética no sentido mais amplo.

Se o discurso de todas as considerações sobre a linguagem deve ser sempre primeiro, se é somente no discurso que a linguagem apresenta-se como viva, o que produz a linguística, as gramáticas e os dicionários são somente os “esqueletos mortos” “*das tote Gerippe*” (VI: 147²⁰ *apud* Trabant, 2005, p. 178). A fragmentação em palavras e regras seria, pois, para Humboldt, somente a fabricação morta da análise científica.

Meschonnic convoca Humboldt ainda no conceito de *contínuo* que ele opõe ao *descontínuo*. Este último seria o centro desta “esqueletização”, de que trata Humboldt, pela atividade de descrição. O descontínuo da linguagem seria um trabalho de abstração, no entanto, as unidades descritas encontram-se na língua em um contínuo não segmentado em unidades. Meschonnic luta contra esse descontínuo em sua teoria da linguagem que é uma teoria do discurso, da *energeia*, da atividade²¹.

¹⁹O Humboldt de Meschonnic alcança o coração de Humboldt: a linguagem como discurso, como atividade poética que não é um signo e que se encontra integrada em um contexto histórico concreto.

²⁰*Écrits* de Humboldt de l'Académie de Berlin, 1903-1936.

²¹É importante destacar aqui que, conforme Trabant (2005), em Humboldt não se encontra a oposição contínuo-descontínuo. O traço estrutural característico da linguagem não é tanto o contínuo, mas a combinação de contínuo e do descontínuo, ou seja, Humboldt utiliza o termo “*articulação*”, “*Gliederung*” e “*Artikulation*”, por sua vez, os termos que descrevem a articulação são “*Trennung*” ou “*Teilung*”, de um lado, que significam separação, segmentação, e “*Verbindung*” de outro, que significa ligação. Essa articulação em Humboldt é ao mesmo tempo segmentação em unidades discretas e ligação dessas unidades. Wilhelm von Humboldt seria então, nas palavras de Trabant (*ibid.*), um autor de inclusões, de sínteses de coisas opostas, do casamento de coisas separadas, enquanto Meschonnic não é um pensador das inclusões pacíficas, é um autor que trabalha com oposições claras e exclusões dramáticas. Humboldt, ao contrário, seria um grande mestre da conjunção, mesmo daquilo que, em geral, poderia ser percebido como inconciliável.

A partir das reflexões aqui brevemente apresentadas sobre o projeto de uma antropologia histórica da linguagem em Henri Meschonnic, pensando na historicidade de sua teoria, através do resgate de algumas reflexões que perpassaram as obras de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Wilhelm von Humboldt, é possível que se possa delinear algumas reflexões para a construção de um projeto de uma antropologia histórica da voz. Discutir sobre tais reflexões é o que farei na seção a seguir.

Em busca de uma antropologia histórica da voz

O interesse pelo estudo da voz deve-se à afirmação de Henri Meschonnic, em *Critique durythme*, de que a crítica do ritmo, a crítica do discurso suporia uma antropologia da voz. No entanto, tal objeto deve ser construído, pois não há teorização sobre a voz a partir dessa visão de linguagem. Meschonnic menciona de forma esparsa o tema da voz, mas não se detém a uma reflexão mais aprofundada.

É importante que se inicie tal discussão por pensar que em geral o tema da voz é tratado ou enquanto voz física ou enquanto voz como metáfora da originalidade a mais íntima, quando se diz, por exemplo, que se percebe a voz de um autor num determinado texto literário. No entanto, a partir de uma concepção de uma antropologia histórica da linguagem, haveria nessas duas maneiras de perceber o estudo da voz uma confusão entre subjetividade e individualidade, subjetivismo e individualismo.

Conforme Dessons (2006), ao discutir a leitura da obra de Émile Benveniste, à primeira vista nos parece que a distinção entre as expressões *sujeito enunciador* e *sujeito da enunciação* está mais atrelada a uma querela terminológica do que a um debate científico. No entanto, tais expressões, que muitas vezes foram tomadas uma pela outra, revelam posições teóricas radicalmente diferentes. A expressão *sujeito enunciador* está ligada ao campo da psicologia e designa o indivíduo engajado em um processo de locução. Tal expressão em geral alterna com a de *locutor*. O sujeito da enunciação, ao contrário, designa o sujeito que se constitui *na e pela* enunciação de seu discurso.

Quando se discute a voz enquanto voz física, som, ou a voz enquanto originalidade da metáfora mais íntima, relega-se a reflexão ao sujeito enunciador, ao indivíduo. A partir de uma visão de uma antropologia histórica da linguagem, a voz deve ser discutida a partir

de uma problemática que envolva o sujeito da enunciação, aquele que se constitui *na e pela* enunciação de seu discurso. Dessa forma, a discussão do tema voz deverá perpassar tanto os textos falados quanto os textos escritos, pois a problemática do sujeito da enunciação envolve não apenas uma questão de língua, mas também uma questão de linguagem. Tal temática deverá estabelecer, dessa forma, uma relação estreita com a problematização da questão do ritmo.

Além disso, para que se possa problematizar a voz, sendo ela um elemento fundamental de uma antropologia histórica da linguagem, é preciso sair do domínio do signo e entrar naquele do discurso, “Une pensée de l’individuation ne peut que récuserlesigne”²² (DESSONS, 2006, p. 64) que “existe ensoi, fondelaréalité de la langue, mais [...] ne comporte pas d’applicationsparticulières”²³, enquanto que a frase, “expressiondusémantique, n’est que particulière”²⁴ (BENVENISTE 1974, p. 225, *apud* DESSONS, 2006, p. 64) .

O esquecimento do elemento da voz é flagrante na linguística que se ocupa da língua, tanto quanto naquela que se ocupa do discurso a partir de categorias pré-fabricadas, do domínio do semiótico, reduzindo-o às categorias da língua e, por consequência, negligenciando a articulação mesma do discurso, a maneira pela qual um discurso particular produz sentido, efeito, e nele se instaura a subjetividade.

Uma pesquisa que se ocupe dos estudos da linguagem em uma perspectiva de uma antropologia histórica da linguagem, deve observar a pluralidade interna do discurso, bem como a pluralidade de discursos, o que a leva a obrigatoriamente incluir a literatura. Tal atitude não é o que se observa em geral nos trabalhos que abarcam os estudos do discurso, a consequência disso é que as reflexões fecham-se em análises de categorias de língua. Nas palavras de Meschonnic (1982, p. 11):

L'étrange, et le banal, de la situation, est que c'est donc la littératurequi constitue l'épreuve et l'échec du linguiste. Quand il choisit de ne pasla voir, ou de faire comme si son seul objet était le reste du langage, ils'enfonce justement encore davantage dans une impossibilité de

²²Um pensamento da individuação só pode recusar o signo.

²³Existe em si, funda a realidade da língua, mas só comporta aplicações particulares.

²⁴Expressão do semântico é somente particular.

concevoirle discours, impossibilité et dénégation qui ressort sous des formes variées.²⁵

À divisão do enunciado, o ritmo e a voz opõem uma organização paradigmática e sintagmática de re-enunciação, em que todos os “níveis” da língua são reorganizados não mais em termos de língua, das subdivisões tradicionais, mas em termos de discurso, tanto linearmente quanto não linearmente, segundo o modo de constituição do texto, do discurso, em que todos os elementos, tanto contínuos quanto descontínuos, trabalharam para construir o sentido, sobretudo o valor.

A oralidade, problemática que perpassa tanto a discussão sobre o ritmo, quanto sobre a voz, é, para Meschonnic (1982), aquela que opõe o ritmo ao esquema, o movimento da fala e da vida na linguagem ao modelo estático do dualismo, que não compreende a poesia porque não tem relação alguma com o empírico da linguagem, com a história, com a vida.

O estruturalismo sem voz, sem enunciação perdeu a oralidade. Ele trabalha sobre oposições, do significante e do significado, do falado e do escrito, confirmando a identificação entre o falado e o oral. Inscreve-se assim essa oposição na antiga mitologia da letra morta e da voz viva, da alma e do corpo. Esta oposição, segundo Meschonnic (1982), configura-se como um obstáculo a uma história da voz e do ritmo.

A pluralidade dos modos de significar e das inscrições de re-enunciação dissemina a oralidade tanto no escrito quanto no falado. A solidariedade entre o ritmo, o sujeito, o discurso impõe uma outra concepção de oral, como o “mouvement de la parole dans l’écriture”²⁶ (Hopkins *apud* Meschonnic 1982, p. 14). Trata-se de passar de uma noção sociológica, etnológica e retórica de oralidade a uma noção antropológica e poética de oralidade, em que há o primado do ritmo e da prosódia no semântico, em certos modos de significar, escritos ou falados.

Trata-se da integração do discurso no corpo e na voz, e do corpo e da voz no discurso, de uma semântica da significância generalizada, do contínuo no descontínuo. A

²⁵O estranho, e o banal, da situação é que é, portanto, a literatura que constitui a prova e o fracasso do linguista. Quando ele escolhe não vê-la, ou fazer como se o seu único objeto fosse o resto da linguagem, ele mergulha justamente ainda mais em uma impossibilidade de conceber o discurso, impossibilidade e denegação que reaparece sob formas variadas.

²⁶Movimento da fala na escrita.

oralidade assim concebida é um aspecto da historicidade de um discurso, como sua situação de individuação é um outro aspecto do mesmo ato de linguagem.

Segundo Meschonnic (2009), a relação estreita entre voz e dicção mostra que a voz, elemento mais pessoal e mais íntimo, é, como o sujeito, imediatamente atravessado por tudo o que faz uma época, um meio, uma maneira de conceber a literatura e, particularmente, a poesia, bem como a maneira de conceber a própria voz. Dessa forma, a voz e seu discurso, o discurso e a sua voz são juntos como o significante e o significado do signo, quando vistos como necessários um ao outro, como motivado e motivante.

Assim como os ritmos são diversos nas diferentes línguas, a voz se apresentaria de forma diferente em uma ou outra cultura, em uma ou outra língua. Desse modo, aquele que fala e sua fala não são separáveis e são situados historicamente. A voz teria também os mesmos caracteres que são atribuídos ao ritmo: altura, intensidade, timbre, entonação. No entanto, teria seus caracteres próprios, físicos, fisiológicos, ela é feminina, masculina, jovem, madura, senil, plena ou branca, quente ou ácida. Ela é vigorosa ou sofrida, delicada, quebrada, fresca, rouca, pesada. Há enunciação, enunciador na voz, que carrega suas emoções, sua relação com os outros. Essa voz pode ser enunciada ou percebida pelo outro como uma voz encantadora, emotiva, tensa, doce, seca, irônica, brusca, delirante, suplicante, polida ou grosseira. A voz unifica, se assemelha ao sujeito, a sua idade, seu sexo, seu estado. Ela é um retrato oral.

Na voz, não há somente a prosódia, no sentido linguístico – as variações de intensidade, de alongamento, de altura, o “suprasegmental” –, há também corpo, signos do corpo na voz. A voz pode fazer sua sintaxe, seu ritmo, sua tipografia. Por isso, segundo Meschonnic (1982), uma poética da tipografia, do visual, longe de ser estranha à oralidade, pode mostrar a relação entre o oral e o visual.

O gesto e a voz são integrados a um conjunto sintético no estudo dito da comunicação não verbal. No entanto, não se trata de linguagem de gestos, ou por gestos, mas da linguagem como sistema de comunicação heterogêneo que é ao mesmo tempo verbal e corporal. Falando de uma “gestique de renonciation”²⁷ (Cosnier *apud* Meschonnic 1982, p. 22), Cosnier vê no gesto uma relação com a linguagem que não é “ni un auxiliaire,

²⁷Gesticulação da renúnciação.

ni un dérivé mais un associé qui lui est étroitement intriqué pour former le langage naturel ainsi composé de trois sous-systèmes majeurs : le verbal, le vocal, le gestuel”²⁸.

Da voz ao gesto, até à pele, todo o corpo é ativo no discurso. Mas é um corpo social, histórico tanto quanto subjetivo. É por que a literatura é uma das situações de discurso que colocam à prova e mostram mais que todas as outras práticas de linguagem que, reciprocamente, uma teoria da linguagem, uma teoria do discurso, sem teoria da literatura só podem excluir o ritmo, a voz e o sujeito. Assim a oralidade que sincretiza o corpo na linguagem é uma problemática da teoria da linguagem e da literatura.

Considerações finais

Conforme mencionei no início do texto, as reflexões aqui apresentadas fazem parte de um projeto maior em andamento. As discussões expostas refletem de forma sumária o desenvolvimento de um trabalho que busca construir o objeto voz, a partir de uma antropologia histórica da linguagem. Tal objeto ainda está em processo de construção. O próximo passo será o desenvolvimento de uma proposta de análise da voz em textos literários.

Referências

BENVENISTE, Émile. O “ritmo” em sua expressão lingüística. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. Da subjetividade da linguagem. In: _____ *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.

_____. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Press, 2006.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: antropologie historique du langage*. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.

_____. Qu'entendez-vous par oralité?. In: *Langue française*. N°56, 1982. pp. 6-23. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-

²⁸Nem um auxiliar, nem um derivado mas uma associado que lhe é estreitamente intrincado para formar a linguagem natural assim composta de três subsistemas maiores: o verbal, o vocal, o gestual.

[8368_1982_num_56_1_5145. Acessado em 01/06/2013](#)

_____. Oui, qu'appelle-t-on penser?. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (a).

_____. Seul comme Benveniste. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (b).

_____. La venir est au sens du langage. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (c).

_____. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008(d).

TRABANT, Jürgen. Le Humboldt de Henri Meschonnic. In: DESSONS, Gérard; MARTIN, Serge; MICHON, Pascal. *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. Paris: Éditions IN PRESS, 2005.